

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 32, p. 1-14, jan.-dez. 2025 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p> https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.45608</p>	

SEÇÃO: JORNALISMO

Autoridade e ciência: narrativas de e sobre médicos em plataformas de mídias sociais na pandemia da COVID-19

Authority and science: narratives by and about doctors on social media platforms during the COVID-19 pandemic

Autoridad y ciencia: narrativas de y sobre médicos en las plataformas de redes sociales en la pandemia de COVID-19

Marcia Rodrigues

Lisboa¹

orcid.org/0000-0002-2059-370X
marcia.lisboa@fiocruz.br

Natália Fazzioni¹

orcid.org/0000-0002-1497-9737
nataliafazzioni@gmail.com

Recebido em: 02 jan. 2024.

Aprovado em: 13 set. 2024.

Publicado em: 17 jan. 2025.

Resumo: O artigo evoca o contexto da pandemia da COVID-19 em território brasileiro, sobretudo em seus meses iniciais, analisando o acionamento de médicos como fontes de informação de produtos jornalísticos ou de materiais elaborados por múltiplos atores em diferentes plataformas. Põe-se, assim, em relevo o debate sobre a autoridade canônica desses profissionais, ressaltando o dissenso dos posicionamentos apresentados nos produtos estudados. Com base em uma pesquisa que buscou mapear narrativas sobre a COVID-19 em diferentes mídias, analisamos as formas como os temas são abordados, a caracterização desses profissionais e o uso das narrativas atribuídas a eles. Os dados foram extraídos de duas agências de verificação brasileiras, entre março e setembro de 2020. Dois aspectos são centrais à reflexão proposta: o cenário de hiperconexão como facilitador de disputas narrativas, ao propiciar um ambiente gerador de desinformação; e a conformação da ideia de uma disputa em torno da noção de verdade, embalada por diferentes posicionamentos políticos diante da pandemia.

Palavras-chave: médicos; comunicação e saúde; COVID-19; ciência; mídias.

Abstract: The article evokes the context of the COVID-19 pandemic in Brazilian territory, especially in its initial months, analyzing the use of doctors as sources of information for journalistic products or materials prepared by multiple actors, on different platforms. This highlights the debate about the canonical authority of these professionals, highlighting the dissent in the positions presented in the products studied. Based on research that sought to map narratives about COVID-19 in different media, we analyzed the ways in which the themes are approached, the characterization of these professionals and the use of the narratives attributed to them. The data were extracted from two Brazilian verification agencies, between March and September 2020. Two aspects are central to the proposed reflection: the hyperconnection scenario as a facilitator of narrative disputes, by providing an environment that generates disinformation; and the formation of the idea of a dispute around the notion of truth, influenced by different political positions in the face of the pandemic

Keywords: doctors; communication and health; COVID-19; science; media.

Resumen: El artículo evoca el contexto de la pandemia de COVID-19 en territorio brasileño, especialmente en sus primeros meses, analizando el uso de los médicos como fuentes de información para productos periodísticos o materiales elaborados por múltiples actores, en diferentes plataformas. Se destaca el debate sobre la autoridad canónica de estos profesionales, destacando el dissenso en las posiciones presentadas en los productos estudiados. A partir de una investigación que buscó mapear narrativas sobre COVID-19 en diferentes medios, analizamos las formas en que se abordan los temas, la caracterización de estos profesionales y el uso de las narrativas que se les atribuyen. Los datos fueron



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

extraídos de dos agencias de verificación brasileñas, entre marzo y septiembre de 2020. Dos aspectos son centrales para la reflexión propuesta: el escenario de hiperconexión como facilitador de disputas narrativas, al proporcionar un entorno que genera desinformación; y la formación de la idea de una disputa en torno a la noción de verdad, influenciada por diferentes posiciones políticas frente a la pandemia

Palabras clave: médicos; comunicación y salud; COVID-19; ciencia; medios.

O drama da COVID-19 em hiperconexão

Em um cenário de grave crise sanitária global, não foi surpreendente o crescimento dos espaços editoriais sobre um tema da saúde em veículos jornalísticos de qualquer lugar do planeta a partir de 2020. A pandemia da COVID-19 configurou-se como um tema que reuniu vários elementos componentes dos critérios de noticiabilidade da tradição jornalística: gravidade, intensidade, proximidade, abrangência, temporalidade, ineditismo e imprevisibilidade. Experiências recentes de situações epidêmicas, como as da gripe A (H1N1), da dengue e de zika, já sinalizavam a capacidade de manutenção de um tema no noticiário por períodos extensos, ressaltada a carga dramática das epidemias (Cardoso; Vaz, 2014; Garcia, 2017).

O avolumamento de notícias sobre temas da saúde vem sendo observado no Brasil a partir da década de 1980, sobretudo nas primeiras décadas deste milênio. Entendemos que a expansão da ideia de risco à saúde (Castiel; Guilam; Ferreira, 2010) foi um aspecto impulsionador de pautas e textos produzidos em meios jornalísticos, em grande medida pela disseminação de orientações prescritivas, com o acionamento de peritos das ciências e das práticas em saúde. Presente neste cenário está a perspectiva do cuidado crônico de si (Vaz *et al.*, 2007), que atua na resignificação do próprio conceito de doença.

Paralelamente, também em âmbito mundial, observa-se a amplificação de narrativas que põem em dúvida argumentos referendados por comunidades científicas, tanto em produções jornalísticas quanto nas de autores diversos, em plataformas de mídias sociais. Embora seja precipitado estabelecer simetria entre a visibilidade dessas narrativas e o suposto recrudescimento

de movimentos anticiência ou antivacina, o fato de ocuparem o ecossistema informacional sinaliza a capacidade de reverberação desses atores (Vasconcellos-Silva; Castiel; Grip, 2015; Camargo Jr., 2020).

Esse grande ecossistema, que abriga a experiência social contemporânea, está no cerne da formação de um mercado on-line cuja *commodity* principal são as conexões. Gestado a partir da expansão extremamente veloz de mecanismos tecnológicos de publicação, sobretudo desde a segunda metade da última década do século passado e do início dos anos 2000, com a ampliação do acesso aos espaços midiáticos, tal ecossistema opera a exacerbação do vínculo entre corpos e meios, característico da hiperconexão em uma sociedade plataformizada, conforme elabora Van Dijck (2013).

Se por uma perspectiva a expansão dos mecanismos de publicação permitiu a entrada em cena de novos atores como produtores e divulgadores de conteúdos informacionais diversos, para além dos espaços ocupados por empresas jornalísticas, por órgãos governamentais e por canais oficiais de autoridades científicas, tal fenômeno não deve ser descolado de uma reflexão quanto ao domínio de grandes corporações sobre os ambientes nos quais as produções são disseminadas. Uma das consequências diretas desse controle é a apropriação de dados inseridos nas plataformas, constituindo-se em uma nova forma de domínio da vida humana para a extração de lucro, que Couldry e Mejias (2019) nomeiam colonialismo de dados. Embora os bens apropriados sejam distintos do colonialismo histórico – antes, bens materiais, o trabalho e os corpos; agora, o conhecimento –, ambas as formas incorporam a mesma lógica capitalista de concentração de riqueza nas mãos de poucos.

Impulsionados por critérios algorítmicos estabelecidos pelas plataformas, indivíduos puderam expor suas experiências pessoais, familiares, da tradição e religiosidade, estabelecendo relações diversas entre si, seja de convergência, conflito ou reforço, muitas vezes sem observarem que todos esses dados seriam entregues gratuita-

mente às corporações que os armazenam, filtram e distribuem.

Tais características desse ambiente informacional, conjugadas ao cenário de instabilidade e imprevisibilidade que marcou a pandemia da COVID-19 – devido ao baixo conhecimento sobre a doença, suas causas e formas de enfrentamento –, deram à comunicação uma dimensão central. Daí a pertinência de considerarmos o seu impacto simbólico e material no curso da experiência da pandemia, anunciador de variadas formas de adesão ou resistência às medidas de controle e prevenção recomendadas por especialistas e autoridades sanitárias.

Nesse contexto, emergiram as vozes de médicos e outros profissionais de saúde, seja em canais próprios, institucionais ou empresariais, como formuladores de protocolos nem sempre convergentes. Paralelamente, eles foram acionados como fontes de informação, com citações nem sempre legítimas, por indivíduos que não eram médicos nem atuavam no campo da saúde. Essa proliferação discursiva deu maior visibilidade aos medos e anseios da população diante do imponderável e da perspectiva da morte.

Para ressaltar as graves consequências à saúde das populações em decorrência da intensa circulação de informações falsas ou parcialmente falsas e não confiáveis durante a pandemia da COVID-19, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) criou o termo "desinfodemia". No cerne desse fenômeno, conforme analisam Posetti e Bontcheva (2020), está a intencionalidade desses conteúdos, com o objetivo de gerar confusão, e assim aumentar o impacto sobre a saúde pública.

Ao mencionarmos o neologismo "desinfodemia", destacamos a contribuição das autoras para a compreensão do fenômeno da desinformação no contexto pandêmico. Contudo, não desconsideramos a necessidade de uma reflexão sobre o termo, em especial, pelo deslocamento de sentido da noção de epidemia, apropriada da saúde pública para abordar o processo de desinformação, que envolve lógicas e processos distintos.

É a partir desse panorama, caracterizado de um lado pela gravíssima crise sanitária mundial e de outro pela exacerbação da conectividade, que buscamos refletir sobre narrativas emergentes de plataformas de mídias sociais acerca da pandemia da COVID-19. Como elemento provocador da discussão proposta, destacamos o enquadramento binário ciência vs. anticiência, acrescido do debate sobre o negacionismo e a já conhecida tensão entre a clínica (exercício da medicina) e as evidências científicas, que ocuparam tanto a cobertura jornalística da COVID-19 no Brasil quanto os espaços midiáticos de não jornalistas, absorvendo ou ajudando a fomentar disputas político-ideológicas.

Cabe destacar que a experiência brasileira de enfrentamento à pandemia registrou tensões constantes entre posições políticas de governo e as estratégias de diversos atores sociais, incluídos órgãos da própria estrutura do Estado. Entre as atividades impactadas nesse contexto destaca-se a jornalística, sobretudo aquela exercida nos veículos de comunicação identificados pelo governo federal como opositores às políticas e ações do presidente da República. A não divulgação dos dados sobre a pandemia, ou a divulgação incompleta, foi um dos primeiros embates a afetar a apuração jornalística, o que ocasionou a iniciativa inédita de parceria entre veículos de grandes corporações jornalísticas – Organizações Globo, *O Estado de S.Paulo* e *Folha de S.Paulo* – para levantar as informações das 27 unidades da federação sobre o número diário de infectados e mortos pela COVID-19 no país.

À parte os dados sobre a pandemia, interessou-nos analisar as narrativas relativas ao tema que mobilizavam a noção de autoridade médica, os modos de acionamento desses profissionais em plataformas de mídias sociais e a forma como eram caracterizados. Partimos da perspectiva de que no atual ecossistema informacional as narrativas perpassam diferentes canais e suportes, obedecendo a lógicas multiplataformas. Por meio de fronteiras tênues, percorrem trajetórias dinâmicas, excluindo qualquer leitura unidirecional da comunicação. Na disputa discursiva mesclam-se

produções jornalísticas e de autores diversos, afetadas mutuamente.

Não tencionamos, neste artigo, qualificar esses atores sob o crivo da credibilidade, mas pensar em como afetam e são afetados, ressaltando a centralidade do afeto no processo comunicacional (Sodré, 2006). Portanto, olhar para as construções narrativas de médicos e sobre médicos nos obriga a refletir acerca dos mecanismos pelos quais se alimentam e são alimentadas. Além disso, instiga-nos a considerar que, para além do caráter efêmero da notícia ou de outros recursos informacionais, o cenário comunicacional plataformizado permite variadas composições potencialmente disruptivas ou agregadoras.

Medicina e ciência: breves apontamentos

Responsáveis diretos pelo tratamento das pessoas e detentores de saberes especializados, os médicos configuram-se em fontes legitimadas de informação para o jornalismo e para outras produções (anônimas e autorais) diversas sobre um tema de grande impacto à saúde coletiva como a COVID-19. Defendemos que estes sujeitos, os médicos, constituem-se em atores centrais nessas narrativas pelo fato de seus posicionamentos atualizarem e explicitarem um suposto embate entre ciência e política, que se estabeleceu de forma especialmente acalorada em países como o Brasil.

Desde o início do século XX, a biomedicina, ou medicina ocidental, vem sendo orientada "por um ideário de cientificidade que lhe conferiu legitimidade, prestígio e status social" (Uchôa; Camargo Jr., 2010, p. 2243), tendência cujas raízes remontam a séculos passados, com a substituição da subjetividade pela objetividade técnica, como já havia demonstrado Foucault (1977).

A evidência enquanto tema central para prática médica não consistiria, portanto, em uma novidade, nem em um desdobramento necessário do progresso tecnocientífico, mas sim como uma opção da categoria visando diminuir um grau de incerteza de suas escolhas e reafirmar sua autonomia. Nesse sentido, importa compre-

ender dois elementos reforçados pelo contexto da pandemia de COVID-19: por um lado, a crise de autoridade que se abre para a biomedicina diante da ausência de evidências epidemiológicas consistentes e incertezas trazidas pelo novo vírus; e, por outro, a maneira pela qual a figura do médico ganha força nesse cenário, evocada ou forjada para defender posicionamentos difusos, muitas vezes contrários àqueles definidos pela maior parte da comunidade médico-científica internacional. Isto gerou um tensionamento na relação entre medicina e ciência, remetendo ao debate contemporâneo sobre negacionismo.

O termo "negacionismo" foi cunhado pelo historiador francês Henry Rousso (1990), no final da década de 1980 para descrever aqueles envolvidos na negação do Holocausto, destacando sua natureza ideológica em contraste com o revisionismo histórico legítimo. Embora inicialmente aplicado a esse contexto específico, o negacionismo passou a abranger fenômenos diversos, como a negação das mudanças climáticas, a contestação da teoria da evolução ou a desconfiança nas vacinas.

A divisão entre os considerados legítimos e os nomeados negacionistas pode ser vista como uma faixa gradiente, com cientistas no polo da legitimidade e "profissionais da negação" no polo da ilegitimidade, enquanto o público em geral ocupa posições diversas entre esses extremos. O negacionismo, portanto, explora a obsessão por uma suposta pureza na prática científica, revelando uma complexidade que pode aproximar alguns aspectos do pensamento público daqueles rotulados como negacionistas.

O debate sobre o negacionismo muitas vezes simplifica essa complexidade, pois os que acusam os outros de negacionismo se veem como legítimos, enquanto os acusados buscam se proteger do que consideram enganos e manipulações (Danowski, 2018). Análises deste movimento revelam que os chamados negacionistas não negam a ciência como um todo, mas questionam certas práticas e enunciados que suspeitam não serem verdadeiramente científicos (Costa, 2021), como será visto em parte do material por nós

analisado. A idealização de uma ciência neutra e desinteressada, central na epistemologia moderna, torna-se problemática diante de questões contemporâneas, como as mudanças climáticas e as epidemias, quando incertezas e implicações políticas desafiam a fronteira entre ciência e política (Latour, 1994, Haraway, 2009).

No material aqui analisado, encontramos justamente elementos que apontam neste sentido: a noção de ciência passa a ser atacada por aqueles que a negam também por razões políticas e se utilizam das incertezas desse período e de velhas tensões no meio médico para deslegitimá-la, abrindo espaço para um novo campo de disputas, no qual a circulação de informações torna-se central. Como afirmam Camargo Jr. e Coeli (2020, p. 2), tal fenômeno apresenta, em linhas gerais, cinco características comuns em todos os países onde foi observado durante este período pandêmico, são elas:

- 1) identificação de conspirações; 2) uso de falsos experts; 3) seletividade, focalizando em artigos isolados que contrariam o consenso científico (“*cherry-picking*”); 4) criação de expectativas impossíveis para a pesquisa; e 5) uso de deturpações ou falácias lógicas.

Veremos, então, no material apresentado, a busca incessante por uma verdade sintetizada pelas supostas dicotomias entre ciência e anti-ciência.

Desenho da pesquisa

O material analisado neste artigo faz parte de um esforço maior realizado por um grupo de pesquisadores que passou a se reunir em meados de 2020 com o objetivo de compreender os argumentos e as bases das principais polêmicas relacionadas às medidas sanitárias para o enfrentamento da COVID-19, visando ao aperfeiçoamento das estratégias públicas de comunicação voltadas à ampliação do conhecimento e da confiança nas medidas de prevenção e controle da doença.²

A primeira etapa da investigação voltou-se ao

mapeamento dos debates que adquiriram maior visibilidade no espaço público, com a intenção de localizar os pontos mais polêmicos – que catalisaram os principais medos, ansiedades e conflitos na sociedade – e os modos como os atores que os protagonizaram buscaram construir legitimidade e credibilidade sobre seus enunciados. Para a identificação desses debates, foi feita a extração de dados de publicações de duas agências de verificação no Brasil – [Boatos.org](#) e Fato ou fake – sobre temas relacionados à pandemia da COVID-19.

A decisão por fazer o levantamento a partir das agências de verificação deveu-se à disponibilidade de dados de acesso aberto, considerando o universo de informações circulantes nas plataformas de mídias sociais. Por esta razão, não foi de interesse da pesquisa aprofundar uma reflexão sobre o trabalho das respectivas agências e a diferenciação entre uma agência de *fact-checking* (checagem de fatos) e outra de *debunking* (checagem de boatos). Compreendemos como Mantzarlis (2018) que a checagem de boatos é uma parte da checagem de fatos e, para tanto, são necessárias habilidades comuns à verificação. Portanto, a especificidade das agências, os critérios adotados por elas na seleção das postagens analisadas e a apuração para conferir a veracidade das informações não permearam a nossa pesquisa.

O estudo teve como ponto de partida a identificação do discurso nativo contido nas postagens que geraram a apuração das agências, buscando iluminar os argumentos em disputa, as estratégias de comunicação e os modos de angariar credibilidade e autoridade. Consideramos discurso nativo as postagens originais captadas pelas agências em plataformas de mídias sociais. Ainda que não as tenhamos extraído diretamente, procuramos estabelecer uma interlocução com a perspectiva dos métodos digitais de pesquisa de adotar como pontos de partida os objetos nativos digitais e as gramáticas das plataformas de mídia social (Rogers, 2015).

² Projeto “Covid-19 nas mídias: em quem confiar? Narrativas, atores e polêmicas sobre a pandemia”, desenvolvido por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz, sob a coordenação de Kátia Lerner.

Os materiais coletados foram apresentados em formatos e suportes variados – texto, vídeo, foto ou áudio –, indicados pelas agências como postagens originais publicadas em plataformas de mídias sociais. Vale ressaltar que não se pode assegurar se uma determinada versão do material capturado por uma ou pelas duas agências foi a primeira postagem, dada a dinâmica veloz de circulação de informações nas plataformas. O mesmo ocorre em relação à plataforma de onde foram extraídos todos os materiais coletados, podendo estar presentes em mais de uma plataforma, de forma concomitante.

A busca inicial da pesquisa mais ampla foi delimitada pelo descritor "covid", a partir de 2 de março de 2020, de forma contínua. Para a primeira etapa de análise, demarcou-se um período de seis meses, no qual foram contabilizadas cerca de 600 postagens. Desse total, em torno de 60% foram publicadas pela agência [Boatos.org](https://www.boatos.org) e 40% pela agência Fato ou fake. A classificação dos conteúdos extraídos considerou os seguintes quesitos: discurso nativo, eixo temático, assunto e formato do material postado (texto, fotografia, audiovisual etc.). A análise observou recorrências de temas que passaram a ser estudados pela equipe de pesquisadores, tais como as críticas às recomendações de isolamento e as sugestões de medidas de prevenção, com o uso de medicamentos e de substâncias diversas. Outra faceta emergente do material pesquisado foram as referências diretas ao protagonismo de atores sociais, a exemplo dos jornalistas (Lisboa; Pereira, 2022) e dos médicos, sendo os últimos, o foco das reflexões propostas neste artigo.

Médicos em cena

Este estudo qualitativo foi motivado por questionamentos sobre os médicos mencionados nas postagens. Quem eram esses profissionais? Realmente existiam? Como eram acionados e representados? O que os dados revelaram sobre a imagem dos médicos durante a pandemia e como isso afetou as relações de confiança e autoridade que estes profissionais mantêm no cenário público? Essas foram algumas das ques-

tões norteadoras que resultaram neste artigo.

Após a identificação de referências diretas a médicos no conjunto das postagens, fizemos a busca pelo termo "médic" na planilha da pesquisa. Do resultado foram excluídos materiais que mencionavam médicos(as) mas não figuravam como agentes centrais. A seleção resultou em 22 postagens, entre os dias 2 de março e 6 de setembro de 2020, sendo 15 publicações da agência [Boatos.org](https://www.boatos.org) e sete da agência Fato ou fake.

A análise orientou-se por uma triangulação teórico-metodológica: a perspectiva analítica dos métodos digitais de investigação (Rogers, 2015), conjugada a contribuições dos estudos sociais da ciência (Latour, 2014, 2020; Haraway, 2009) e do campo das ciências sociais e humanas em saúde (Uchôa, Camargo Jr., 2010).

As 22 postagens em conjunto revelam a existência de modalidades discursivas que vão aos poucos se estabelecendo em modos mais ou menos homogêneos de narrativas. Se inicialmente as postagens trazem informações difusas sobre formas de enfrentamento do vírus, contágio, tratamento e origem – narrativas que vão desde as condições nas quais o vírus é capaz de se propagar (superfícies, temperaturas) até uso de chás, cafés e outras bebidas para combater a doença –, a partir do final de março de 2020 as postagens ganham conotações políticas mais explícitas e começam a girar em torno de temas polêmicos que marcaram a pandemia no Brasil, como a gravidade da doença, a necessidade de distanciamento social, o tratamento precoce, e a eficácia da vacina. Esta última temática foi analisada em outro trabalho resultante da pesquisa (Lerner; Cardoso; Clebicar, 2023).

Do mesmo modo, houve variação quanto ao tipo de material veiculado que mencionava os médicos: as agências informam que não foi possível identificar a fonte de uma parte das publicações, enquanto outras publicações selecionadas teriam sido produzidas com base em informações veiculadas por médicos. Trata-se, portanto, de um material de origem diversa, no qual os médicos figuram sobretudo como personagens. Embora algumas postagens por nós analisadas possam

ter sido criadas pelos próprios profissionais, não é possível afirmar que isso tenha ocorrido em nenhuma delas, diferentemente do material colhido por Sule *et al.* (2023), que identificaram 52 médicos estadunidenses como autores de postagens voltadas à disseminação de desinformação em plataformas de mídias sociais.

Em nossa pesquisa, observamos certa mudança na caracterização desses sujeitos médicos ao longo dos meses: inicialmente, são fictícios ou médicos não identificados para, aos poucos, transformarem-se em médicos conhecidos que de fato fizeram parte do debate público sobre o tema. O material traz 12 postagens que fazem menções diretas a médicos e outras 10 que fazem menções genéricas. Nestas 12 postagens são citados 13 médicos, dos quais 12 são homens e apenas uma é mulher.³ Este dado adquire maior relevância se considerarmos ao menos dois aspectos: a) o número total de médicas e médicos no Brasil atualmente é equivalente, e entre os(as) profissionais com 39 anos ou menos, as mulheres já são maioria, somando 58% em comparação a 42% do total de homens, conforme dados de 2024 do Conselho Federal de Medicina (CFM); b) durante a pandemia da COVID-19, houve médicas com grande projeção midiática, em meios jornalísticos e outras mídias, a exemplo de Margareth

Dalcomo, Nise Yamaguchi e Luana Araújo. As duas últimas foram ouvidas pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia. Nenhuma delas, no entanto, é mencionada nos materiais coletados nos seis meses iniciais da pesquisa.

Os demais médicos citados nas postagens são anônimos. Apesar disso, todos esses médicos são localizados geograficamente; em oito postagens há referências diretas à nacionalidade do médico, tais como: médico italiano, médicos israelenses, médico do Rio de Janeiro, médico chinês. Em outros casos, a localização é mencionada indiretamente, por meio das instituições às quais pertencem, como o Hospital de Acari no Rio de Janeiro, a Prefeitura de Porto Feliz e a Escola Paulista de Medicina.

Uma única postagem faz menção a uma suposta filiação político-partidária de um médico, alegando tratar-se de um "médico petista" (referência ao Partido dos Trabalhadores). Finalmente, destaca-se a presença de médicos "celebridades", como o brasileiro Dráuzio Varella, o congolês Denis Mukwege, ganhador do prêmio Nobel da Paz, o francês Didier Raoult, principal defensor do tratamento à base de cloroquina, e até o médico e vidente francês do século XVI Nostradamus. Os títulos dos materiais analisados (Tabela 1) dão a tonalidade dessas narrativas.

Tabela 1 – Materiais analisados

Materiais analisados			
Material	Data	Título	Agência
1	3/3/2020	<u>Dr Patrick Martin e Dra Lidia Rota Vender publicam dicas sobre o novo coronavírus #boato</u>	Boatos.org
2	14/3/2020	<u>O coronavírus não é um vírus letal, não mata ninguém e nunca matará #boato</u>	Boatos.org
3	16/3/2020	<u>Alho com água fervida cura o novo coronavírus #boato</u>	Boatos.org
4	19/3/2020	<u>É #FAKE que Nostradamus fez profecia do novo coronavírus em 1555</u>	Fato ou fake
5	20/3/2020	<u>Médicos chineses que chegaram à Itália divulgam dicas sobre o novo coronavírus #boato</u>	Boatos.org
6	22/3/2020	<u>Drauzio Varella diz que vai continuar andando na rua durante quarentena do coronavírus #boato</u>	Boatos.org

³ Optamos por usar o substantivo médico no masculino ao longo do texto porque, como explicitamos e problematizamos adiante, quase sempre os profissionais citados eram homens.

7	28/3/2020	<u>É #FAKE que pesquisa do MIT concluiu que o coronavírus não é transmitido em locais com temperaturas acima de 20°C</u>	Fato ou fake
8	28/3/2020	<u>Chefe de rotina do Hospital de Acari (Ronaldo Gazolla) pede que as pessoas saiam às ruas e voltem ao trabalho #boato</u>	Boatos.org
9	29/3/2020	<u>Café ou chá curam e previnem o coronavírus, diz médico Li Wenliang na CNN #boato</u>	Boatos.org
10	30/3/2020	<u>É #FAKE que café tem substâncias que combatem coronavírus</u>	Fato ou fake
11	18/4/2020	<u>Médico petista matou 11 pacientes em pesquisa para descreditar a eficácia da cloroquina #boato</u>	Boatos.org
12	29/4/2020	<u>É #FAKE que-hospital de campanha de Santo André não tem pacientes com Covid-19</u>	Fato ou fake
13	12/5/2020	<u>Itália foi a cura do coronavírus ao descobrir que é uma bactéria que causa as mortes #boato</u>	Boatos.org
14	1/6/2020	<u>Médicos de Israel dançam e comemoram por ter zerado a Covid-19 no país, mostra video #boato</u>	Boatos.org
15	16/6/2020	<u>Engenheiro descobriu que apenas hospitais privados descobriram a cura para o coronavírus #boato</u>	Boatos.org
16	24/6/2020	<u>É #FAKE que uso de máscara de proteção faça mal à saúde tornando o sangue mais ácido</u>	Fato ou fake
17	2/7/2020	<u>É #FAKE que médico congolês Prêmio Nobel da Paz disse que deixou cargo por ser obrigado a falsear dados da Covid-19</u>	Fato ou fake
18	13/7/2020	<u>Ministros que impediram uso da hidroxiclороquina serão processados na França #boato</u>	Boatos.org
19	14/7/2020	<u>Porto Feliz (SP) teve 1500 casos de Covid-19 e zero mortes graças ao uso da cloroquina #boato</u>	Boatos.org
20	17/7/2020	<u>É #FAKE que pode ter o CRM cassado o médico que não prescrever hidroxiclороquina a pedido do paciente em casos de Covid</u>	Fato ou fake
21	30/8/2020	<u>Médico italiano Roberto Petrella acerta ao alertar sobre "vacina contra Covid-19" e "farsa do coronavírus" #boato</u>	Boatos.org
22	6/9/2020	<u>Robert F. Kennedy Jr. escreve texto que aponta que vacina mRNA contra Covid-19 altera o DNA #boato</u>	Boatos.org

Fonte: Agências de verificação Boatos.org e Fato ou fake (2020).

Ciência e política

Ao lidarmos com o material presente nas agências de checagem, deparamo-nos com postagens que buscam, por um lado, desqualificar achados científicos, usando argumentos que vinculam tais achados a supostas filiações político-partidárias; e por outro, desqualificar o debate político a partir do argumento de que ele não estaria sendo estabelecido em "bases científicas", para assim

construir a ideia de um argumento legítimo. Observamos três tipos de narrativas que podem se apresentar de forma conjugada ou não:

a) o maior número de postagens refere-se a informações sobre a COVID-19 e o Sars-coV-2, que minimizam a gravidade e a expansão da doença ou sugerem formas "simples" de cura. Todas foram classificadas pelas agências como falsas ou *fake*. Alguns exemplos desse tipo de posta-

gens são vistos nos trechos abaixo. Em todas as transcrições mantivemos a grafia, a pontuação, o uso de letras maiúsculas e demais recursos gráficos usados nas postagens, tais como foram reproduzidos pelas agências.

Boas notícias! O Wuhan CORONA VIRUS pode ser curado * com uma tigela de água de alho recém-fervida. Um velho médico chinês provou sua eficácia. Muitos pacientes também mostraram que isso é eficaz. Como preparar: Para oito (8) dentes de alho picados, adicione sete (7) xícaras de água e deixe ferver. Coma e beba água fervida com alho. Melhore e cure da noite para o dia! Por favor, compartilhe com todos os contatos. Pode ajudar a salvar vidas.⁴

Médicos dos hospitais começam a postar fotos. Cadê os pacientes com coronavírus?" (Texto que acompanha imagem de leitos de hospital vazios em abril de 2020).⁵

O coronavírus não é patogênico e sequer pode causar uma gripe", afirma o patologista de 45 anos de profissão, Dr. Beny Schmidt, da Escola Paulista de Medicina. ALERTA À HUMANIDADE! CORONA VIRUS NÃO É UM VIRUS LETAL! Tenhamos calma pessoal, a grande mídia vive mentindo e temos que ter fé no Criador!⁶

Ignorado pela grande mídia, o prefeito de Porto Feliz, Cássio Habice Prado, que é médico, adotou desde o início um protocolo de cloroquina e azitromicina. O kit tem custo de R\$40. Nenhum óbito.⁷

b) em seguida destacam-se os conteúdos com forte polarização político-ideológica, de exaltação ao presidente da República e outros políticos aliados a ele, acompanhando suas críticas às instituições e a empresas jornalísticas, particularmente os veículos das Organizações Globo. Em algumas publicações, a referência ao médico é positivada. Novamente, todas foram

classificadas como falsas. Alguns exemplos são:

Médico petista que estudava o uso da cloroquina contra a Covid-19 dá superdosagem a pacientes, mata 11 e queria sabotar o medicamento.⁸

Você aí, paspalho da esquerda que não acredita no presidente Bolsonaro e faz questão de atacá-lo no assunto do COVID-19, acredite então no médico queridinho da Globo que até o convenceu que o estuprador e assassino Suzy era uma madre Teresa. Há tempos que Osmar terra e eu falamos neste mesmo sentido e muitos preferem colocar uma roupa de proteção nuclear e se trancar em um bunker. Assista e pare de histeria. (Comentário que acompanha vídeo do médico Dráuzio Varella em janeiro de 2020, comentando sobre a epidemia naquele momento ainda na China e utilizado posteriormente para contestar a gravidade do vírus.⁹

c) um terceiro grupo reúne acusações graves contra médicos que se recusaram a prescrever cloroquina a seus pacientes. São feitas referências ao Conselho Regional de Medicina, regulador da prática profissional, e uma das postagens defende a cassação de registro desses médicos, como demonstrado abaixo:

A partir de agora, quem impediu o povo de tomar cloroquina e hidroxicloroquina na França vai ter que responder na Justiça. Ex-primeiro-ministro e ministro da Saúde serão os primeiros. Tudo graças ao médico Didier Raoult.¹⁰

Atenção, alerta! Quem estiver contaminado com a Covid-19 e pedir para ser tratado com hidroxicloroquina, e o médico se recusar, ou mesmo o hospital não permitir, peça para um familiar ir a uma delegacia para fazer um boletim de ocorrência. De posse do mesmo, volte ao hospital apresente-o ao médico. Peça o documento de autorização para assinar. Se este médico se recusar a fazer a receita, vá ao Ministério Público e peça a cassação imediata do CRM deste médico. Governadores e prefeitos estão praticando genocídio ao recolher os medicamentos das farmácias e proibir seu uso. Todas as pessoas têm o de defender sua própria vida.¹¹

⁴ Disponível em: <https://www.boatos.org/saude/alho-agua-fervida-cura-novo-coronavirus.html>. Acesso em: 15 dez. 2023.

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/04/29/e-fake-que-hospital-de-campanha-de-santo-andre-nao-tem-pacientes-com-covid-19.ghtml>. Acesso em: 16 dez. 2023.

⁶ Disponível em: <https://www.boatos.org/saude/coronavirus-nao-e-virus-letal-nao-mata-ninguem.html>. Acesso em: 14 dez. 2023.

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2020/07/15/e-fake-que-cidade-paulista-de-porto-feliz-nao-registrou-oboito-pela-covid-19>. Acesso em: 15 dez. 2023.

⁸ Disponível em: <https://www.boatos.org/politica/medico-petista-matou-11-pacientes-pesquisa-desacreditar-cloroquina.html>. Acesso em: 18 dez. 2023.

⁹ Disponível em: <https://www.boatos.org/saude/drauzio-varella-continuar-andando-rua-durante-quarentena-coronavirus.html>. Acesso em: 17 dez. 2023.

¹⁰ Disponível em: <https://www.boatos.org/mundo/ministros-impediram-uso-hidroxicloroquina-processados-franca.html>. Acesso em: 18 dez. 2023.

¹¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2020/07/17/e-fake-que-pode-ter-o-crm-cassado-o-medico-que-nao-prescrever-hidroxicloroquina-a-pedido-do-paciente-em-casos-de-covid.ghtml>. Acesso em: 17 dez. 2023.

Essas narrativas ganham maior projeção ao serem confrontadas com embates que envolvem órgãos de representação e controle da categoria e de suas especialidades. Exemplo disso foi a polêmica sobre a autonomia do médico para prescrever o tratamento que julgar apropriado a sujeitos sob seus cuidados – posição defendida pelo Conselho Federal de Medicina no Brasil – que divergiu frontalmente da decisão da Sociedade Brasileira de Infectologia de rechaçar qualquer tratamento sem comprovação de eficácia. Em função da divulgação de um informe¹², em julho de 2020, com esse posicionamento, diretores da entidade receberam ameaças pessoais e a seus familiares, via mídias sociais.

Uma análise da atuação corporativa da medicina brasileira durante a pandemia da COVID-19 foi feita por Dias, Lima e Lobo (2021), ao abordarem a incorporação, por parte de entidades da categoria, de narrativas alinhadas a posicionamentos políticos do governo de Jair Bolsonaro. Os autores estabelecem uma forte conexão desse alinhamento à dinâmica de atuação corporativa ocorrida em 2013, quando foi lançado o programa Mais Médicos. A partir dos tensionamentos que desde então se articularam, ocorre, durante a pandemia, um reforço de certa postura corporativa no campo da medicina, expondo fragilidades e contradições da categoria no país. Estas seriam ilustradas pelo distanciamento de uma postura mais social, em defesa do Sistema Único de Saúde – por parte dos conselhos e outras instâncias representativas da categoria –, e uma postura de reforço da agenda corporativa, marcada pela "narrativa de liberdade e autonomia do médico, aspecto central e originário da agenda corporativa" (Dias; Lima; Lobo, 2021, p. 101).

A temática do corporativismo médico não foi objeto de nossa pesquisa. Os materiais por nós analisados registram que além das recomendações de uso de medicamentos como a Hidroxicloroquina e a Azitromicina, as postagens referenciam médicos que teriam indicado procedimentos diversos para diagnóstico e trata-

mento da COVID-19. Observou-se que, apesar de as postagens majoritariamente apresentarem recomendações não referendadas pela Organização Mundial de Saúde, algumas destas estão presentes, como a lavagem das mãos. Contudo, tais indicações são misturadas a outras sem respaldo dos organismos de saúde, a exemplo de: "tomar água quente com limão", "tratamento com chá e café" ou "cura caseira". Essa mistura de informações é representativa de uma dinâmica das plataformas que provoca desinformação, conforme abordamos anteriormente.

Há ainda recomendações para o diagnóstico de fatores associados à COVID-19, como prender a respiração e beber água em goles para testar se tem fibrose. Por fim, destacam-se recomendações contrárias às apregoadas pela OMS quanto ao uso de máscaras. A orientação é apresentada sob a justificativa de que o uso de máscara prejudica trocas gasosas e torna o sangue ácido.

Entre a prática clínica e a evidência científica

É no cenário de disputas e tensões descrito acima que emerge a figura do médico, autorizado a falar tanto em nome da ciência, como em nome da política. O médico é quem fala por sua experiência, localizada, próxima, subjetiva, sejam aqueles que falam diretamente, como Didier Raoult e Draúzio Varella, ou aqueles que são evocados indiretamente, como o "velho médico chinês", ou o que fotografa o hospital vazio, revelando que os médicos são, ao mesmo tempo, autoridades e testemunhas da pandemia.

Tomando como contraponto outra situação epidêmica recente, a zika, observamos como foi explicitada no cenário midiático a relação entre medicina e ciência. Débora Diniz (2016, p. 15) afirma assertivamente nas páginas iniciais de seu livro "Zika: do sertão nordestino à ameaça global" que "o tempo das emergências médicas não é o mesmo das produções científicas". Assim como a epidemia de zika, mas em escala ainda maior, a pandemia de coronavirus configurou uma "emer-

¹² Disponível em: <https://infectologia.org.br/wp-content/uploads/2020/07/atualizacao-sobre-a-hidroxicloroquina-no-tratamento-precocoe-da-covid-19.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2023.

gência global". No caso do zika, especialmente no que tange à correlação entre o vírus e sua síndrome congênita, a autora busca mapear os primeiros passos da epidemia no Brasil a partir das correspondências, publicações e aparições midiáticas de cientistas e médicos que foram centrais em estabelecer a correlação entre o vírus e os bebês que nasciam com má formação, em especial a microcefalia.

Entre médicos localizados principalmente no Nordeste brasileiro, particularmente na Paraíba, na Bahia e em Pernambuco, e pesquisadores concentrados no Sul e no Sudeste do país, houve conflitos, mas, sobretudo, uma colaboração essencial, sem a qual não seria possível terem encontrado tão rapidamente a explicação para o que ocorria. Uma das perguntas ecoadas como pano de fundo de tais debates é notadamente epistemológica. Afinal, o que vale mais, o conhecimento obtido pelos cientistas de bancada, aqueles envolvidos em ensaios clínicos, estudos randomizados ou aqueles produzidos pelos que supostamente estão à beira de leito, no cotidiano, atendendo os pacientes infectados? O debate não é novo: a própria noção de Medicina Baseada em Evidências (MBE) ganhou força no cenário médico global, sugerindo que a medicina tradicional teria práticas calcadas em valores extracientíficos e que seria preciso reforçar a medicina com base em evidências. A corrente da MBE preconiza, portanto, uma reformulação da medicina, abandonando práticas "ultrapassadas", substituindo-as por outras respaldadas por pesquisas científicas (Sackett *et al.*, 1996).

A incorporação da MBE em discursos e práticas médicas, entretanto, tem sido objeto de inúmeras críticas, considerando que certa radicalidade da ideia de uma medicina baseada em evidências pode levar a excessos de formalismos e desumanização da prática médica. Apesar de tal tendência ter-se tornado relevante dentro do meio médico, trabalhos conduzidos por médicos a partir de suas práticas apontam para a existência de uma "dupla racionalidade" vigente na prática médica ocidental, respaldada simultaneamente pela clínica e pela epidemiologia (Uchôa; Camar-

go Jr, 2010; Russo *et al.*, 2019; Mol, 2008).

Desse modo, as evidências importariam tanto quanto as vivências de cada profissional, em cada contexto, em suas experiências e relações singulares com pacientes ou, como nomeou Octavio Bonet (2004), a medicina seria uma prática caracterizada duplamente pelo "saber e o sentir". Mais uma vez dicotomias radicais, como evidência e vivência, ciência e anticiência, parecem dominar o debate epistemológico da medicina, ainda extremamente calcado em bases positivistas, dificultando o posicionamento da categoria e a compreensão de sua prática pela sociedade em momentos críticos, como o da pandemia de COVID-19.

Na análise de Diniz, um momento de crise, como o desencadeado por uma epidemia, poderia ter sido crucial para conferir visibilidade ao processo de construção do saber científico como algo mais processual e humano do que a simples produção de verdade. Conforme exposto por Costa e Roque (2020):

a força da ciência reside na dúvida; sua matéria-prima, na incerteza. É por meio de uma investigação paciente e obstinada que as dúvidas são gradualmente convertidas em conhecimento confiável, ainda que nunca plenamente irrefutável.

Sob essa perspectiva, não deveria haver uma crise da ciência em um contexto de incertezas, mas, ao contrário, um espaço fértil para colaboração e investigações conjuntas entre os envolvidos, no qual, apesar da ausência de certezas sobre a relação entre o vírus e a síndrome, haveria um consenso em torno do desejo de controlar a epidemia.

Contudo, não foi a partir dessa imagem da incerteza que a autoridade da ciência se consolidou no mundo moderno. Os especialistas, pelo contrário, são vistos como aqueles que devem carregar as certezas, e as condições de produção da ciência são apartadas de um debate público: um modelo de ciência considerado canônico e verdadeiro, um modelo pautado na objetividade e na imparcialidade e que, logo, deve estar afastado da política, movida por subjetividades,

paixões e desejos. Bruno Latour (2020) retoma esta suposta dicotomia entre ciência e política para lembrar que “ambos os lados” se apoiam no mesmo tipo de argumentação escorregadia. Tal tipo de argumentação criaria a ilusão de que se trata de dois “lados” distintos de um debate, quando na realidade são feitos da mesma matéria.

Nessa visão, tanto a ciência como a política são atividades mundanas, ou mesmo modestas, prosaicas e frágeis, permanecendo abertas à dúvida, à revisão, e passíveis de equívocos, tão logo suas delicadas operações não sejam constantemente sustentadas. A única coisa que elas não podem se permitir é atuarem separadamente: sem os instrumentos da ciência, o corpo político jamais saberá quantas entidades desconhecidas é preciso levar em consideração. E sem a política, o mesmo corpo político jamais saberá ordenar, selecionar e ranquear aquele número desconcertante de agências com as quais ele tem de compor progressivamente um mundo comum – que é a definição que propus para a política com ciência (Latour, 2014, p. 18).

Enquanto na epidemia de zika foi exaltada a profícua colaboração entre os chamados “médicos de beira de leito” e os “cientistas de bancada”, demonstrando a importância de uma prática clínica aliada às evidências científicas no entendimento da doença, no caso da COVID-19, esse movimento aconteceu de duas formas distintas. Além disso, foi amplamente permeado pelas questões mais amplas que a pandemia de COVID-19 mobilizou em todo o mundo, com relação a seus impactos econômicos e sociais em uma parcela muito mais ampla da população do que tinha ocorrido no caso do zika.

Se por um lado, houve, sem dúvida, colaborações importantes entre esses dois grupos também no caso da COVID-19, por outro, a ausência de um entendimento comum sobre as melhores formas de contornar a situação, sobretudo devido às recomendações de distanciamento social e seus impactos econômicos, tensionou ainda mais a falsa dicotomia ciência e política, fortalecendo uma ideia de que a prática clínica poderia ser desvinculada das evidências científicas, fazendo emergir todo e qualquer tipo de discurso a partir da chancela de uma categoria profissional: o médico. Na maior parte das vezes,

como podemos observar, não qualquer médico, mas médicos majoritariamente identificados pelo gênero masculino, provenientes de fora do país ou de instituições de saúde específicas ou de renome. É esse o sujeito acionado para conferir legitimidade aos diferentes discursos veiculados ou para ser deslegitimado a depender de sua posicionalidade.

Esse *modus operandi* na produção das narrativas remete ao processo já apontado por Haraway (1995), de uma ciência que se postula como universal e irrefutável, a partir daqueles que historicamente foram os principais responsáveis por sua produção, ou ao menos aqueles que levaram os créditos, ou seja: homens, brancos e ocidentais. As reflexões de Haraway nos auxiliam a entrever que, muito além de um debate sobre ciência e anticiência, o que vemos aqui é uma disputa sobre quem possui autoridade e legitimidade para falar sobre determinados temas. Podemos afirmar que as narrativas que negavam a gravidade da pandemia de COVID-19, ou mesmo a eficácia das medidas indicadas por autoridades internacionais, não negavam a ideia de ciência, mas entravam em uma disputa de produção de verdades com ela, utilizando-se justamente da principal fragilidade deste modo de produção de conhecimento, sobretudo das ciências biológicas: a promessa de uma ciência objetiva, irrefutável, um “veículo da universalidade”.

Apontamentos para novos diálogos

Ao propormos uma discussão sobre as formas como profissionais médicos foram acionados em plataformas comunicacionais no contexto da pandemia da COVID-19, buscamos refletir sobre os elementos impulsionadores da polarização gerada, afastando-nos de caminhos que nos conduzissem à valoração de argumentos e do engajamento dos atores envolvidos, de modo particular de médicos no Brasil.

Procuramos demonstrar como este processo diz respeito simultaneamente a um cenário político nacional marcado por posicionamentos politicamente divergentes diante de uma crise sanitária, mas igualmente pela ausência de uma

reflexão mais ampla da sociedade sobre o papel da ciência e sua problemática associação à produção de verdades incontestáveis que também se fragiliza no presente momento. A disputa narrativa no ecossistema informacional constrói uma insustentável dicotomia entre ciência e política, já tematizada por autores aqui citados.

Diante de um vírus novo, com alto poder de transmissibilidade e poucos recursos disponíveis para a sua contenção, também as incertezas de cientistas e médicos foram expostas em redes amplificadas. As vacinas ainda eram uma expectativa distante e as próprias recomendações da OMS oscilavam quanto aos recursos disponíveis para a proteção individual e coletiva. As falas recorrentes do ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta (entre 1/1/2019 e 16/4/2020) nas entrevistas coletivas de imprensa¹³ sublinharam o caráter instável do conhecimento acerca do comportamento do Sars-coV-2, reforçando os esforços de pesquisadores e profissionais de saúde para acumular rapidamente saberes que garantissem medidas eficazes contra a proliferação do coronavírus e o tratamento da doença.

Os dados analisados, no intervalo de seis meses, reverberam a instabilidade das informações sobre o vírus e a doença. Entretanto, seria incorreto fazer correlações causais lineares entre a instabilidade do conhecimento científico e a presença de narrativas veiculadas em plataformas. O que podemos constatar é a potência das lógicas de conectividade transmidiáticas de gerar confusão, ao abrigar e fazer ecoar os ditos e desditos sobre o vírus e a doença, construídos por atores vários. Como dissemos anteriormente, o fenômeno no qual se observa a intencionalidade de gerar confusão a partir da difusão de informações distorcidas ou inventadas pode ter consequências graves à saúde das populações, mas não pode ser pensado de forma descolada de questões como autoridade e legitimidade de atores, sejam eles médicos, cientistas, governan-

tes ou jornalistas.

Referências

BONET, Octávio. Saber e sentir: uma etnografia da aprendizagem da biomedicina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

CAMARGO JR., Kenneth Rochel. Lá vamos nós outra vez: a reemergência do ativismo antivacina na Internet. Cadernos de Saúde Pública, [s. l.], v. 36, n. 14, supl. 2, p. 1-8, 2020.

CAMARGO JR, Kenneth Rochel, COELI, Claudia Medina. A difícil tarefa de informar em meio a uma pandemia. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, e300203, 2020.

CARDOSO, Janine Miranda; VAZ, Paulo. O drama epidêmico da dengue: causas, sofrimento e responsabilidades no Jornal Nacional (1986-2008). Revista ECO-Pós, [s. l.], v. 17, n. 3, p. 1-13, 2014.

CASTIEL, Luis David, GUILAM, Maria Cristina, FERREIRA, Marcos Santos. Correndo o risco: uma introdução aos riscos em saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2010. (Coleção Temas em Saúde).

COSTA, Alyne. Negacionistas são os outros? Verdade, engano e interesse na era da pós-verdade. Principia: an international journal of epistemology. Florianópolis, v. 25, p. 305-334, 2021.

COSTA, Alyne; ROQUE, Tatiana. Ciência e política em tempos de negacionismo. In: Instituto Ciência Hoje. [S. l.], jul. 2020. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/ciencia-e-politica-em-tempos-de-negacionismo>. Acesso em: 18 nov. 2022.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises. The costs of connection: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism. Stanford: Stanford University Press, 2019.

DANOWSKI, Deborah. Negacionismos. Série de cordéis Pandemia. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DIAS, Henrique Sant'Anna, LIMA, Luciana Dias de e LOBO, Maria Stella de Castro. Do 'Mais Médicos' à pandemia de Covid-19: duplo negacionismo na atuação da corporação médica brasileira. Saúde em Debate, [s. l.], v. 45, n. especial 2, p. 92-106, dez. 2021. <https://doi.org/10.1590/0103-11042021e207>.

DINIZ, Débora. Zika: do sertão nordestino à ameaça global. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da clínica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

¹³ Para citar dois exemplos: a) a coletiva de imprensa do dia 22 de março de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YfHVuBqetVc>. Acesso em: 13 dez. 2023; b) a entrevista coletiva que resultou em notícia publicada no portal G1 no dia 28 de março de 2020, sob o título "Se a gente sair andando todo mundo de uma vez, vai faltar pro rico, pro pobre", diz ministro da Saúde". Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/28/se-a-gente-sair-andando-todo-mundo-de-uma-vez-vai-faltar-pro-rico-pro-pobre-diz-ministro-da-saude.ghtml>. Acesso em: 13 dez. 2023.

GARCIA, Marcelo Pereira. Disseeram por aí: deu Zika na rede! Boatos e produção de sentidos sobre a epidemia de Zika e microcefalia nas redes sociais. 2017. Dissertação (Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 20 maio 2023.

HARAWAY, Donna; GOODEVE, Thyrza Nichols. Fragmentos: quanto como uma folha. Entrevista com Donna Haraway. Mediações, Londrina, v. 20, n. 1, p. 48-68, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/download/23252/17015>. Acesso em: 10 ago. 2021.

LERNER, Katia; CARDOSO, Janine; CLEBICAR, Tatiana. 'Se tem medo da Covid, deveria ter muito mais medo da vacina': sentidos, afetos e disputas sobre a imunização nas redes sociais online. In: LERNER, Katia; TEIXEIRA, Cristina; VAZ, Paulo (org.). Entre medo e solidariedade: mídia, política e alteridade na covid-19. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. v. 1, p. 118-164.

LISBOA, Marcia Rodrigues; PEREIRA, Allan de Gouvêa. Sob o olhar da desconfiança: jornalistas como alvo de desinformação na pandemia da Covid-19. Mídia e Cotidiano, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 32-57, 15 dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufr.br/midiaecotidiano/article/view/55213>. Acesso em: 13 nov. 2023.

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LATOUR, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. Tradução: Renato Sztutman. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 57, n. 1, 2014.

LATOUR, Bruno. Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MANTZARLIS, Alexios. Fact-checking. In: IRETON, Cheryl; POSETTI, Julie. Journalism, 'Fake News' & Disinformation: Handbook for Journalism Education and Training. Paris: Unesco, 2018. p. 86-88.

MOL, Annemarie. The logic of care: health and the problem of patient choice. New York: Routledge, 2008.

POSETTI, Julie; BONTICHEVA, Kalina. Desinfodemia: decifrar a desinformação sobre a Covid-19 (Resumo de políticas 1). Brasília: Unesco, 2020. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/notice?id=p::usmarc-def_0000374416_por&locale=en. Acesso em: 22 jun. 2021.

ROGERS, Richard. Digital Methods. Cambridge: The MIT Press, 2015.

ROUSSO, Henry. Syndrome de Vichy. De 1944 à nos jours. 2ème éd. Paris, Éditions du Seuil, 1990.

RUSSO, Jane et al. Escalando vulcões: a releitura da dor no parto humanizado. Mana, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 519-550, 2019.

SACKETT, David et al. Evidence based medicine: what it is and what it isn't. BMJ (Clinical research ed.), v. 312, n. 7023, p. 71-72, 1996.

SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

UCHÔA, Severina Alice da Costa; CAMARGO JR, Kenneth Rochel. Os protocolos e a decisão médica: medicina baseada em vivências e ou evidências? Ciência & Saúde Coletiva, [s. l.], v. 15, n. 4, p. 2241-2249, 2010.

VAN DIJCK, José. The culture of connectivity: a critical history of social media. Nova Iorque: Oxford University Press, 2013.

VASCONCELLOS-SILVA, Paulo; CASTIEL, Luis; GRIEP, Rosane. A sociedade de risco midiática, o movimento antivacinação e o risco do autismo. Ciência & Saúde Coletiva, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 607-616, 2015.

VAZ, Paulo. et al. O fator de risco na mídia. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, [s. l.], v. 11, n. 21, p.145-163, 2007.

Marcia Rodrigues Lisboa

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces/ Icict/ Fiocruz), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Natália Fazzioni

Doutora em Antropologia Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil. Realizou estágio de pós-doutorado no Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces/ Icict/ Fiocruz), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Endereço para correspondência

Marcia Rodrigues Lisboa

Laboratório de Comunicação e Saúde

Fundação Oswaldo Cruz

Av. Brasil, 4036, sala 512

Manguinhos, 21040-361

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.